



Estudos Geográficos

Revista Eletrônica de Geografia

Discursos midiáticos e imaginários de alunos do ensino sobre a geopolítica palestina

Francisco Fernandes Ladeira¹  

Resumo: Este trabalho busca compreender em que medida os discursos midiáticos influenciam os imaginários de estudantes do ensino médio sobre a geopolítica palestina. Para tanto, em um primeiro momento, analisamos a cobertura da grande imprensa brasileira acerca da geopolítica palestina, especialmente após os ataques organizados pelo Hamas e outros grupos ao sul de Israel em 7 de outubro de 2023, bem como a subsequente reação israelense, marcada por ataques contínuos à Faixa de Gaza. Em seguida, aplicamos questionários a estudantes do ensino médio, investigando suas percepções e conhecimentos sobre a temática abordada neste artigo. Por fim, confrontamos as respostas dos discentes com as narrativas veiculadas pelos noticiários internacionais da imprensa hegemônica brasileira. Nossos resultados indicam que, diferentemente de períodos anteriores, a influência das representações midiáticas tradicionais nos imaginários geopolíticos dos estudantes é reduzida.

Palavras-chave: grande mídia; redes sociais; imprensa alternativa; imprensa brasileira; Hamas; Israel.

¹ Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) – *campus* Ouro Preto



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons

MEDIA DISCOURSES AND IMAGINARIES OF HIGH SCHOOL STUDENTS ON PALESTINIAN GEOPOLITICS

Abstract: This study seeks to understand the extent to which media discourses influence high school students' imaginaries about Palestinian geopolitics. To this end, we first analyzed Brazilian mainstream media coverage of Palestinian geopolitics, particularly after the attacks organized by Hamas and other groups in southern Israel on October 7, 2023, as well as the subsequent Israeli response, marked by continued attacks on the Gaza Strip. We then administered questionnaires to high school students, investigating their perceptions and knowledge of the topic addressed in this article. Finally, we compared the students' responses with narratives conveyed by international news outlets in the mainstream Brazilian press. Our results indicate that, unlike in previous periods, the influence of traditional media representations on students' geopolitical imaginaries is reduced.

Keywords: mainstream media, social media, alternative press, Brazilian press, Hamas, Israel.

DISCURSOS MIDIÁTICOS E IMAGINÁRIOS DE ALUNOS DO ENSINO SOBRE UNA GEOPOLÍTICA PALESTINA

Résumé: Este estudio busca comprender hasta qué punto los discursos mediáticos influyen en las percepciones de los estudiantes de secundaria sobre la geopolítica palestina. Para ello, analizamos en primer lugar la cobertura mediática brasileña sobre la geopolítica palestina, en particular tras los ataques organizados por Hamás y otros grupos en el sur de Israel el 7 de octubre de 2023, así como la posterior respuesta israelí, marcada por continuos ataques a la Franja de Gaza. Posteriormente, aplicamos cuestionarios a estudiantes de secundaria para investigar sus percepciones y conocimientos sobre el tema abordado en este artículo. Finalmente, comparamos las respuestas de los estudiantes con las narrativas transmitidas por los medios de comunicación internacionales en la prensa brasileña dominante. Nuestros resultados indican que, a diferencia de períodos anteriores, la influencia de las representaciones mediáticas tradicionales en las percepciones geopolíticas de los estudiantes es limitada.

Palabras clave: Medios de comunicación tradicionales, redes sociales, prensa alternativa, prensa brasileña, Hamás, Israel.

CONSIDERAÇÕES INICIAS

Na dissertação de mestrado defendida em 2018 na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) – intitulada “A geopolítica mundial na mídia: conceitos, valores e discursos presentes no ensino de Geografia na Educação Básica” –, buscamos compreender se os discursos dos noticiários internacionais da imprensa hegemônica brasileira influenciam os imaginários geopolíticos de professores de Geografia e alunos do ensino médio. Em outras palavras, procuramos verificar em que medida as representações midiáticas são compartilhadas por docentes e discentes. Para tanto, foram analisados os discursos dos noticiários internacionais da grande mídia brasileira, aplicados questionários a professores e alunos e observadas aulas de Geografia que incorporavam materiais midiáticos. Posteriormente, as respostas dos participantes foram comparadas aos conteúdos veiculados pelos noticiários.

Concluimos que os imaginários geopolíticos dos alunos são influenciados pela mídia hegemônica. Países, personalidades políticas e sistemas econômicos representados positivamente nos noticiários foram igualmente mencionados de forma favorável pelos estudantes. Em contrapartida, povos, nações, crenças, ideologias e políticos estigmatizados pela grande mídia receberam representações negativas². Outra constatação relevante foi que, entre os temas recorrentes na mídia, os noticiários internacionais estão entre os que despertam menor interesse do público. Seja pela complexidade dos fatos ou pela falta de conexão imediata com o cotidiano, a maioria dos receptores ignora as matérias sobre outras regiões do planeta (Ladeira, 2018). Esse fenômeno alinha-se ao princípio da atenção seletiva (Broadbent, 1958), segundo o qual os indivíduos tendem a focar em informações que julgam relevantes, descartando as demais.

No entanto, desde a defesa da dissertação até o presente contexto (2025), significativas mudanças – tanto na geopolítica global quanto no cenário informacional – levaram-nos a repensar os resultados obtidos. A intensa cobertura midiática sobre a geopolítica palestina após a Operação Dilúvio de Al-Aqsa (outubro de 2023) transformou um tema antes negligenciado em pauta de debates cotidianos e nas redes sociais³. Embora o interesse por noticiários internacionais tenha aumentado, o viés ideológico da grande imprensa manteve-se inalterado. Como já afirmado anteriormente, os discursos geopolíticos midiáticos continuam “pautados por visões favoráveis às políticas externas das principais potências globais e, em contrapartida, apresentam representações negativas de nações ou organizações não estatais consideradas hostis pelo Ocidente” (Ladeira, 2018, p. 19). No caso específico dos antagonismos entre palestinos e israelenses, por exemplo, apenas a perspectiva israelense teve espaço nos noticiários.

A partir de procedimento investigativo no Google Trends – ferramenta que analisa a popularidade de termos de pesquisa no Google ao longo do tempo e em diferentes regiões –, constatamos que, antes do dia 7 de outubro de 2023, de maneira

² Neste trabalho, os termos “grande mídia” e “imprensa hegemônica” referem-se aos principais grupos de comunicação que dominam o fluxo de informação no Brasil, incluindo: Globo, Record, SBT, Band, Folha, Estadão e Abril. Esses conglomerados concentram a maior parte da audiência em TV, rádio, impressos e plataformas digitais.

³ A “Operação Dilúvio de Al-Aqsa” refere-se à ofensiva liderada pelo Hamas e outros grupos palestinos em 7 de outubro de 2023, a partir da Faixa de Gaza, que rompeu o bloqueio israelense imposto ao território desde 2007. O episódio é contextualizado por décadas de ocupação israelense: direta (entre 1967 e 2005, com a desocupação unilateral de assentamentos em Gaza) e indireta (após 2007, com controle de fronteiras, espaço aéreo e acesso marítimo).

geral, a geopolítica palestina despertava pouco interesse dos internautas. Também chamou a atenção o fato de que os assuntos relacionados às buscas pelo termo “Hamás” possuíam forte carga semântica negativa, incluindo as notícias falsas (fake news) sobre os membros do grupo palestino “decapitarem bebês”, “praticarem estupros em massa” e “promoverem assassinatos de famílias inteiras”. Reforçando o estereótipo difundido sobre os povos árabes no contexto pós-11 de setembro, o termo “Faixa de Gaza” teve, entre os assuntos relacionados, a busca por “terrorismo”. Em contrapartida, a partir dos assuntos e pesquisas relacionados a Israel, houve a impressão de que, no “conflito” com os palestinos, o Estado sionista é “vítima”, haja vista a procura pelas palavras “búnquer” (abrigo protegido debaixo da terra feito para resistir a projéteis de guerra) e “rave” (nas manipulações/narrativas midiáticas, o ataque do Hamás às pessoas que estavam numa rave em Israel é considerado como “início” do confronto entre palestinos e israelenses).

Desse modo, foi possível inferir que, na época, as pesquisas *online* sobre os acontecimentos na Palestina refletiam as tendências dos discursos dos noticiários internacionais da grande mídia. Palestinos foram percebidos como “agressores” e israelenses como “agredidos”. Essa tendência foi corroborada por uma pesquisa do Atlas Intel (2023), na qual 58% dos entrevistados atribuíram ao Hamás a maior culpa pelo conflito, enquanto apenas 12,5% responsabilizaram Israel (Carta Capital, 2023).

Os dados mencionados acima coincidem com os resultados de nossa dissertação. Um mês após a Operação Dilúvio de Al-Aqsa, a maioria das informações consumidas pelo público brasileiro vinha de veículos como Grupo Globo, Folha de São Paulo e Revista Veja. Assim, a geopolítica palestina foi interpretada não por sua historicidade, mas por uma representação midiática simplificada, fragmentada e tendenciosa. Contudo, à medida que imagens da destruição em Gaza circularam amplamente, tornou-se insustentável para a grande mídia ocidental manter sua linha editorial pró-Israel. Uma pesquisa do Pew Research Center (2025) revelou que, um ano e meio após a Operação Dilúvio de Al-Aqsa, 58% dos brasileiros apresentavam posicionamentos desfavoráveis sobre Israel, enquanto apenas 32% os mantinham favoráveis. Em relação ao primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, 63% expressaram desconfiança em sua atuação internacional (Silver, 2025).

Diante desse cenário, surgem duas indagações: a) público em geral, e especialmente os estudantes do ensino médio, passaram a demonstrar maior interesse por questões geopolíticas após a Operação Dilúvio de Al-Aqsa?; b) Com a

diversificação de perspectivas na internet, é possível afirmar que a influência dos imaginários geopolíticos da grande mídia está diminuindo?

Para responder às indagações propostas, aplicamos questionários *online* a vinte estudantes do ensino médio, com cinco perguntas subjetivas, investigando suas percepções e conhecimentos sobre a geopolítica palestina. O critério de saturação teórica (Nascimento et al., 2018) justificou o número de participantes, pois novos dados deixaram de acrescentar *insights* relevantes ao estudo.

GEOPOLÍTICA ISRAEL-PALESTINA PÓS-7 DE OUTUBRO

Em 7 de outubro de 2023, o Hamas, grupo que governa politicamente a Faixa de Gaza, em conjunto com outras duas organizações palestinas – Jihad Islâmica e Frente Popular para a Libertação da Palestina –, lançou uma contraofensiva surpresa em cidades ao sul de Israel. A ação, denominada Operação Dilúvio Al-Aqsa (em referência à mesquita localizada em Jerusalém), resultou em 1.400 mortes, segundo dados iniciais do governo israelense, posteriormente revisados para 1.200. A reação de Israel, contudo, foi desproporcional. Sob o pretexto de combater o Hamas, classificado como “terrorista”, os bombardeios israelenses atingiram hospitais, residências, escolas e universidades, entre outros alvos civis em Gaza. Além disso, Israel bloqueou o acesso a alimentos, medicamentos, combustível, água e internet para a população palestina. Em apenas um mês de ataques, foram registradas 10 mil mortes, cenário que levou a Anistia Internacional a classificar as ações israelenses como “punição coletiva”, prática proibida pelo Direito Internacional.

No Brasil, esses acontecimentos na Palestina tiveram ampla repercussão midiática, tanto na grande mídia quanto na imprensa alternativa, além de dominarem debates nas redes sociais. Dados do Google Trends revelaram um “aumento repentino” nas buscas por termos como “Hamas”, “Israel”, “Palestina”, “Faixa de Gaza”, “Cisjordânia” e “Netanyahu”, refletindo o interesse público pela geopolítica palestina. Entretanto, a cobertura da grande mídia brasileira, majoritariamente favorável a Israel, representou as ações palestinas somente em suas “consequências”, não “em sem causas”, omitindo a historicidade da conturbada relação entre israelenses e palestinos, que remonta ao início do século XX, com a migração judaica para a Palestina (então sob domínio otomano), onde árabes palestinos já viviam há mais de um milênio.

De acordo com Traverso (2025), a narrativa midiática opera numa lógica maniqueísta: Israel é noticiado como uma “ilha democrática” cercada por um “oceano obscurantista” árabe, enquanto o Hamas é reduzido a um “exército de bestas sanguinárias”. Essa dicotomia – civilização *versus* barbárie, progresso *versus* intolerância – invisibiliza o direito palestino de resistir a décadas de ocupação, privilegiando o discurso israelense de “legítima defesa”. Como resultado, o público é conduzido a uma visão distorcida e simplificada, constituindo o mecanismo de manipulação midiática definido por Abramo (2016) como “padrão de indução”, em que o leitor/ouvinte/telespectador/internauta, sem outras fontes que possam se contrapor aos discursos dos noticiários internacionais, tende a ser induzido a ver o mundo não como ele é, mas sim como querem que ele o veja.

Todavia, conforme as imagens da destruição em Gaza se disseminaram, tornou-se insustentável para a mídia ocidental manter sua postura editorial pró-Israel. Conforme pontua Al-Azzawi (2025), desde 7 de outubro de 2023, a guerra de imagens eclipsou a guerra de armas. Dos hospitais destruídos na Faixa de Gaza aos bebês famintos, valas comuns e pais escavando escombros, cada imagem capturada por *smartphones* feriu mais profundamente que qualquer míssil. Esses registros, inegáveis e não filtrados, têm impacto maior que discursos oficiais. Pela primeira vez, Israel não consegue suprimi-los com propaganda. Se antes sua narrativa era protegida pelos portões das redações e pela culpa ocidental, agora *smartphones* derrubaram esses portões. O que vemos não é mais o que Israel diz – é o que Gaza nos mostra.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa relatada neste artigo – que consistiu na aplicação de questionários *online* para vinte estudantes do ensino médio – foi realizada no segundo semestre de 2025, período em que a geopolítica palestina predominava nos noticiários internacionais da grande imprensa brasileira e era um dos principais temas em discussão na esfera pública nacional. A escolha desse público deve-se ao fato de a capacidade cognitiva para o desenvolvimento de abstrações – condição *sine qua non* para a compreensão de questões geopolíticas – consolidar-se apenas a partir de uma faixa etária que, em média, coincide com a do ensino médio. Portanto, é plausível considerar que esses estudantes já possuam maturidade intelectual suficiente para fornecer respostas satisfatórias sobre a temática proposta. Quanto aos aspectos

metodológicos, este trabalho caracteriza-se como um levantamento qualitativo, que, diferentemente de um estudo quantitativo, não permite generalizações para toda a população em questão (no caso, estudantes brasileiros do ensino médio). Contudo, seus resultados oferecem indícios relevantes sobre como o tema é percebido por esse grupo específico.

As identidades dos respondentes foram preservadas, procedimento adotado porque, em geral, participantes de pesquisas como esta podem supor que estão sendo julgados ou que suas respostas serão usadas contra si, o que poderia enviesar os resultados. Assim, para garantir respostas mais autênticas, optou-se pelo anonimato na participação. Entre os participantes, 8 estudam na rede pública estadual; 7 na rede pública federal e 5 em instituições privadas. A maioria (11) reside na Região Sudeste; 2 na Região Sul; 2 na Região Norte; 1 na Região Centro-Oeste e 4 na Região Nordeste. As questões apresentadas aos participantes foram:

- 1) Você tem interesse por notícias sobre outros países, povos, continentes ou regiões do planeta? Em caso de resposta afirmativa, qual meio de comunicação você mais utiliza para obter essas informações?
- 2) O que você conhece sobre as relações entre Israel e Palestina?
- 3) O que você conhece sobre o conflito entre Israel e Irã?
- 4) Você considera que os grandes veículos de comunicação (Globo, Folha de São Paulo, Uol, etc.) manipulam/distorcem informações sobre a geopolítica global, especialmente em relação à Questão Palestina? Em caso de resposta afirmativa, como você percebe essas manipulações/distorções?
- 5) Quais imagens vêm à sua mente (ou também ideias, sentimentos ou outras palavras) quando você ouve ou lê a palavra: a) Israel; b) Palestina; c) Hamas; d) Irã

Ressalta-se que não há respostas “corretas” ou “erradas”, tampouco foi realizado qualquer juízo de valor sobre as colocações dos participantes desta pesquisa. Nosso objetivo, conforme mencionado, foi analisar em que medida os imaginários geopolíticos sobre a Questão Palestina são influenciados pelos discursos e representações veiculados pela grande mídia brasileira. Isso posto, a seguir são apresentados os resultados do presente estudo.

Você tem interesse por notícias sobre outros países, povos, continentes ou regiões do planeta? Em caso de resposta afirmativa, qual meio de comunicação você mais utiliza para obter essas informações?

Os dados coletados na primeira pergunta do questionário *online* reproduziram um padrão já identificado em nossa pesquisa de mestrado. No estudo anterior, 83% dos alunos pesquisados declararam interesse por notícias sobre outros países, povos e regiões do mundo. Quanto aos meios de comunicação preferenciais para

acompanhar acontecimentos globais, 82% dos estudantes indicaram a internet como principal fonte; 30% mencionaram a televisão; e outros veículos (rádio, livros e jornais impressos), em conjunto, representaram menos de 10% das respostas. Paradoxalmente, na mesma pesquisa, a maioria dos professores participantes afirmou perceber um desinteresse geral dos alunos por questões geopolíticas (Ladeira, 2018). Sete anos após esses resultados, os dados da presente pesquisa revelam que todos os participantes mencionaram a internet como principal meio para obtenção de informações sobre temas internacionais. Nesse sentido, destacamos algumas respostas a seguir:

Sim. YouTube.

Sim. Uso normalmente IA ou o Google.

Tenho relativo interesse geralmente se informando por internet.

Historicamente, os diversos meios de comunicação de massa têm desempenhado importantes funções nas relações internacionais. Tanto como “atores geopolíticos” – com a influência dos grandes grupos de comunicação nas políticas externas das diferentes nações –, quanto como “instrumentos geopolíticos” – pois a visibilidade midiática é fundamental para qualquer ator geopolítico.

No caso da internet, há algumas peculiaridades a se destacar. Diferentemente de outras mídias, na internet, seus usuários não são apenas *consumidores de informações*; também são potenciais *produtores e difusores de informações*. Especificamente sobre a Questão Palestina, como dito anteriormente, com as múltiplas visões presentes na rede mundial de computadores sobre os acontecimentos na Faixa de Gaza após a Operação Dilúvio de Al-Aqsa, tornou-se cada vez mais complexo para os grupos de comunicação hegemônicos apresentarem suas versões dos fatos como se fossem a própria realidade. Essa constatação nos levou à hipótese levantada neste trabalho, sobre a diminuição da influência da grande mídia nos imaginários geopolíticos de estudantes do ensino médio.

O smartphone captura o que o míssil esconde. A mídia social dissemina informações que os briefings oficiais tentam suprimir. As imagens assustadoras, preservadas digitalmente, garantem que nunca esqueçamos qualquer atrocidade devastadora ou ato de brutalidade. Imagens de conflito não apenas transmitem informações; elas também podem redefinir nossas percepções e influenciar nossas posições políticas. [...] Em Gaza, o fluxo de imagens poderosas não para. Apesar dos melhores esforços de Israel, a opinião global é

esmagadoramente contra sua guerra genocida. Os smartphones mudaram completamente a natureza do conflito, colocando uma câmera nas mãos de cada testemunha. Nesta nova era, Israel luta para derrotar o registro visual implacável e não filtrado de seus crimes que exigem justiça (Al-Azzawi, 2025).

Por outro lado, somente “entre outubro e novembro de 2023, a Human Rights Watch documentou mais de 1.050 remoções e outras supressões de conteúdo no Instagram e no Facebook postado por palestinos e seus apoiadores, incluindo sobre violações de direitos humanos” (Human Rights Watch, 2023). Segundo essa organização internacional, trata-se de uma censura de conteúdo sistêmica e global.

Já quando o aluno, em sua resposta, menciona usar “normalmente IA ou o Google” para obter informações sobre questões internacionais, nos remetemos a Ladeira (2023) que, especificamente sobre a geopolítica palestina, adverte:

Uma simples pesquisa no Google, principal site de buscas do planeta, sobre os termos “Israel” e “Hamás”, nos mostram, na primeira página de resultados, basicamente notícias e vídeos da imprensa conservadora: G1, CNN Brasil, Folha de São Paulo, BBC News, InfoMoney, Reuters, Terra, Estado de Minas, Uol e Veja. “Coincidentemente”, algumas das matérias em questão têm títulos no estilo: “Guerra de Israel-Hamas: tudo o que você precisa saber para entender o conflito”. Somente três sites com visões alternativas ao status quo aparecem na primeira página da busca no Google: Carta Capital (“O que é o Hamas, grupo palestino que enfrenta Israel e protagoniza ofensiva sem precedentes”), Brasil de Fato (“Israel declara guerra ao Hamas e ataques já mataram quase 200 palestinos”) e The Intercept (“O que pensam os palestinos sobre a resistência armada”). [...] Os algoritmos são as novas armas do soft power geopolítico.

Apenas um estudante que participou desta pesquisa afirmou não ter muito interesse por notícias sobre outros países, povos, continentes ou regiões do planeta. Quando se informa sobre acontecimentos geopolíticos, este aluno recorre a “canais do YouTube ou notícias no Twitter em páginas que considera confiáveis”. Analisando suas respostas para as outras questões propostas, percebe-se que ele, apesar do desinteresse por geopolítica, não reproduz os imaginários difundidos pela grande mídia. Sobre a questão palestina, se coloca em favor dos palestinos e considera que “Israel atacou o Irã e eles devolveram”. Neste caso, na concepção do aluno, os iranianos estão “certíssimos”.

O que você conhece sobre as relações entre Israel e Palestina?

Entre os alunos que responderam ao questionário proposto, cinco afirmaram “conhecer pouco” e três apontaram “nenhum conhecimento” sobre as relações entre Israel e Palestina. Mais da metade dos participantes (12) declarou possuir conhecimento substantivo sobre a geopolítica palestina. Em algumas respostas, conforme exemplificado abaixo, os alunos demonstraram capacidade de articular contextualizações históricas e geográficas que transcendem as narrativas simplificadas predominantes na grande mídia brasileira:

Sei da maior parte do que está e o que aconteceu, sobre os motivos, as atuais consequências, e a injustiça que acontece com a Palestina.

Há uma questão histórica de conquista de terreno, mas atualmente o conflito está sendo utilizado pelo presidente de Israel para uma limpeza étnica e aprofunda mais ainda ele porque será preso.

Que está tendo uma guerra não é de hoje, que essa disputa de território é um conflito religioso e político. E que Israel é apoiado pelo EUA.

Israel e palestina foi um conflito que surgiu devido a imigração do projeto colonial e antissemita do sionismo, que dizia que os judeus deviam estar separados em um estado só, o que é antissemita e supremacista, este projeto tinha um caráter burguês. Desde a criação de Israel, palestinos acabaram sendo expulsos de suas casas e mascarados. Muitas mídias grandes colocam a culpa do conflito no Hamas, mas a culpa nunca foi do Hamas, o Hamas surgiu por conta de Israel e suas agressões contra a humanidade. O sionismo controla o mundo, palestinos e pessoas a favor da causa são silenciadas, principalmente em redes sociais e grandes mídias.

De acordo com o relatório *“Palestinian Digital Rights, Genocide, and Big Tech Accountability”* (2024), produzido pela 7amleh – organização sem fins lucrativos dedicada à proteção dos direitos digitais dos palestinos –, mais de 1.350 casos de censura foram registrados nas principais plataformas de mídia social (Facebook, Instagram, X e TikTok) entre outubro de 2023 e julho de 2024. A análise revela que essas restrições atingiram desproporcionalmente jornalistas, ativistas e defensores dos direitos humanos palestinos, sendo que as plataformas da Meta estavam entre os piores infratores. A censura assumiu várias formas: contas suspensas, remoções de conteúdo restrição a distribuição de discursos pró-palestina (Motala, 2024).

Já sobre a resposta do aluno “Está tendo uma guerra não é de hoje, que essa disputa de território é um conflito religioso e político”, cabe uma ressalva. Durante um período considerável, prevaleceu no senso comum geopolítico a premissa falaciosa de que as tensões na Palestina derivam de uma rivalidade histórica entre muçulmanos

e judeus. Nessa linha, o “conflito” entre palestinos e israelenses, embora atual, seria resultado de desavenças religiosas milenares, agravadas com o surgimento do islamismo no século VII. Um ditado de autoria desconhecida resume: “Tudo separa os árabes; só o ódio aos judeus os une.” Contudo, o Alcorão, principal referência moral dos muçulmanos, classifica judeus e cristãos como “Povos do Livro”, seguidores de religiões legítimas, cujas crenças devem ser respeitadas. Além disso, até a Declaração Balfour (1917), que acelerou a imigração judaica para a Palestina sob a promessa britânica de um Estado judeu (em território então controlado pelo Império Otomano), não havia um ódio organizado dos palestinos contra judeus. A convivência entre ambos era, em geral, pacífica. Portanto, o antagonismo entre israelenses e palestinos *não tem origem religiosa, é uma questão territorial*.

Em uma das respostas apresentadas acima, um estudante refere-se à limpeza étnica perpetrada por Israel na Palestina, concretizada por meio do Plano Dalet (1947-1948), que visava à expulsão sistemática da população indígena do território, com o objetivo de estabelecer um Estado exclusivamente judeu em toda a Palestina histórica. Conforme demonstra Pappe (2016), a implementação deste projeto envolveu um minucioso trabalho de catalogação geopolítica, que incluía: o mapeamento exaustivo de todos os núcleos populacionais palestinos (urbanos e rurais); o registro detalhado de coordenadas geográficas e vias de acesso, a análise das características do solo e recursos hídricos; o levantamento das atividades econômicas predominantes, o perfil sociopolítico e afiliações religiosas da população, as redes de relações intercomunitárias e os dados demográficos (com ênfase na população masculina em idade combativa).

O que você conhece sobre o conflito entre Israel e Irã?

Em 13 de junho de 2025, iniciou-se o conflito Israel-Irã – denominado “Guerra dos 12 Dias” ou “Batalha dos 12 Dias” – quando forças israelenses desencadearam um ataque aéreo sem precedentes, direcionado a instalações nucleares e membros do alto comando militar iraniano. O governo israelense justificou a ação como necessária diante da ameaça existencial que o programa nuclear iraniano representaria para o Estado de Israel, defendendo a necessidade de uma mudança de regime no Irã. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu enfrentava, à época, uma crise política doméstica e internacional, agravada pelas operações israelenses na Faixa de Gaza – que resultaram não apenas na destruição da infraestrutura do

enclave palestino, mas também em dezenas de milhares de vítimas fatais. Segundo analistas, o conflito com o Irã teria como objetivos secundários a unificação da sociedade israelense em torno de um inimigo comum e a garantia de apoio das potências globais à ofensiva israelense. Conforme aponta Rendón (2025), a resposta iraniana caracterizou-se por uma precisão calculada: ataques limitados em escala, mas significativos em valor simbólico, que mantiveram a estratégia de dissuasão sem romper com a lógica da contenção.

Além disso, a agressão de Israel não apenas manteve a unidade da população iraniana, como também reforçou sua coesão nacional. Contrariando o objetivo israelense de provocar divisões internas, os ataques consolidaram um forte sentimento de defesa coletiva no país. Como observa Rendón (2025): “Mesmo setores dissidentes no exílio, incluindo comunistas e grupos de oposição organizados na Europa e nos Estados Unidos, manifestaram apoio à soberania iraniana, condenando tanto a agressão israelense quanto a interferência estadunidense”. Essa reação ocorreu após o ataque conjunto Israel-EUA em 22 de junho contra as instalações nucleares de Fordow, Natanz e Isfahan. Em resposta, o Irã retaliou com um ataque à base aérea de Al-Udeid, principal instalação militar estadunidense no Oriente Médio, localizada no Catar. Em 24 de junho, o presidente dos Estados Unidos Donald Trump anunciou um cessar-fogo entre as partes. Embora o objetivo declarado de Israel – a mudança de regime no Irã – não tenha sido alcançado, a grande mídia ocidental enquadrou o conflito como uma “vitória israelense”, minimizando seus custos estratégicos e humanitários.

Em contraste com as narrativas dominantes veiculadas pela mídia hegemônica, a maioria dos discentes participantes da pesquisa caracterizou Israel como o principal agressor no conflito geopolítico envolvendo o Irã. Adicionalmente, os respondentes destacaram o papel dos Estados Unidos na região, interpretando suas ações como motivadas pelo controle estratégico dos recursos naturais do Oriente Médio.

Não tanto quanto o caso de Israel e Palestina, mas também bastante coisa. Sei o suficiente pra saber que mais uma vez Israel mexeu com quem tá quieto.

Aí já entram interesses dos EUA por causa da questão do petróleo e também por causa do estreito de Ormuz, por onde passa o petróleo e faz-se o comércio com a China.

Desde a invasão de Israel para a terra “prometida” até os dias atuais. Eu estudei sobre porque participei de uma simulação de geopolítica sobre esse conflito histórico, aprendi inúmeras coisas.

Israel e Irã nunca se deram bem, por conta de fatores como a amizade de Israel com os Estados Unidos. Juntos, Estados Unidos e Israel sempre queimaram a imagem do Irã com propagandas islamofóbicas, ou também tentavam derrubar sua política de forma indireta com ataques como os que aconteceram este ano em 2025. Outro fator presente foi o apoio do Irã á partidos políticos como Hamas, Hezbollah, Houthis e ao governo derrubado de Bashar Al Assad, devido a todos terem um inimigo em comum. Israel tem como objetivo expandir seu projeto colonial e sua ideologia. Estados Unidos, suas propagandas e venda de armas.

A capacidade de alguns discentes em articular a complexidade geopolítica do Oriente Médio – relacionando não apenas as dinâmicas regionais, mas também os interesses econômicos das potências ocidentais (especialmente os Estados Unidos) – demonstra uma compreensão analítica que transcende as representações midiáticas hegemônicas, que frequentemente reduzem conflitos multilaterais a narrativas binárias e descontextualizadas. Tal posicionamento crítico pode ser desenvolvido por meio de práticas pedagógicas inovadoras, a exemplo da simulação de geopolítica no ambiente escolar, citada no relato de um participante. Desse modo, torna-se possível a desconstrução de estereótipos e a apreensão das múltiplas escalas que compõem a geopolítica contemporânea. Por sua vez, um aluno apresentou a seguinte resposta:

O início tem como principais precedentes atritos entre Irã e Israel, que já tinha planos contra os projetos nucleares iranianos, o estopim se deu após um ataque com mísseis balísticos por parte do Irã, o conflito durou cerca de 2 semanas até a queda do governo iraniano.

Embora a alteração do sistema político iraniano tenha figurado entre os objetivos estratégicos israelenses, tal aspiração não se concretizou. Neste contexto, a afirmação do estudante em questão revela uma incorreção factual. Cinco participantes admitiram possuir conhecimento limitado sobre o conflito israel-iraniano, categorizando-o como “pouco” ou “nenhum”.

Você considera que os grandes veículos de comunicação (Globo, Folha de São Paulo, Uol, etc.) manipulam/distorcem informações sobre a geopolítica global, especialmente em relação à Questão Palestina? Em caso de resposta afirmativa, como você percebe essas manipulações/distorções?

A maioria dos participantes desta pesquisa considera que a grande mídia brasileira manipula/distorce informações sobre a geopolítica global, especialmente em relação à Questão Palestina, conforme constatamos nas respostas a seguir:

Certamente essas mídias não são independentes e tendem a distorcer os fatos para favorecer quem domina o capital.

Normalmente eles aprofundam muito mais na história de Israel do que da Palestina. Fazendo com que acreditemos que ela está errada.

É só comparar e também já é de conhecimento público que vários desses jornais distorcem e fazem inúmeras fake news em favor político de alguns políticos/países.

Pelo fato que só mostram apenas um lado do conflito e tentam vitimizar e justificar Israel, e esconder um dos piores massacres da atualidade, com narrativas que convencem uma pessoa sem senso crítico. Além do uso de sionistas para reportagens, como o André Lajst, presidente da Stand With Us do Brasil, maior Lobby sionista presente, que faz o uso de palavras que fazem sentido na cabeça de alguém de senso comum e não olha a mídia de forma crítica. Percebo também a demonização da luta Palestina, e o acobertamento das mortes de palestinos. Além de que muitas vezes tiram a fala dos palestinos, e apenas dublam o que dizem. Mas não fazem o mesmo com Israel, deixam o Netanyahu falar e apenas legendam. E já foi comprovado por um jornalista independente que a Globo mudou as falas do Imam Khamenei, apenas dublando como se ele estivesse ameaçando Israel sem motivo.

Principalmente a Rede Globo, a qual diversas vezes distorceu narrativas com fragmentos de declarações anteriores, fragmentos de falas e discursos pela metade complementando com roteiro esperado para seus interesses, sobre o conflito Israel x Palestina. É notável que grande parte das redes de notícia brasileira distorcem os fatos do conflito, tendo em vista grandes investidas do grupo terrorista HAMAS contra o Estado Israelense, tendo alvos tanto civis quanto militares, e após resposta israelense, as redes buscam o que seriam os “danos colaterais” de uma “guerra”, a morte dos civis, para buscar sensibilizar de forma manipuladora o cidadão que não tem outros meios de informação.

Esta última colocação remete ao que Abramo (2016) denomina “padrão de fragmentação” – modalidade específica de manipulação midiática caracterizada pela descontextualização sistemática dos fenômenos geopolíticos. Segundo o autor, esse padrão opera mediante a desagregação de processos históricos complexos em eventos isolados e desconectados, obliterando suas relações estruturais, dinâmicas causais e consequências multidimensionais. Paradoxalmente, embora o aluno demonstre capacidade crítica ao identificar as distorções midiáticas, ele reproduz o enquadramento hegemônico que categoriza o Hamas como “grupo terrorista”, designação não replicada por instâncias multilaterais como a ONU e não adotada oficialmente pelo Estado brasileiro. Já os relatos dos estudantes sobre a cobertura assimétrica – que privilegia narrativas israelenses enquanto marginaliza vozes

palestinas – corroboram as conclusões do segundo tópico desta pesquisa, sobre os principais conglomerados midiáticos brasileiros adotarem efetivamente um *double standard*, conforme teorizado por Shohat (1992): enquanto discursos oficiais israelenses são reproduzidos integralmente, as perspectivas palestinas são sistematicamente mediadas, editadas ou silenciadas.

Quais imagens vêm à sua mente (ou também ideias, sentimentos ou outras palavras) quando você ouve ou lê a palavra:

A quinta pergunta do questionário proposto por este trabalho tem por objetivo avaliar a influência dos discursos midiáticos sobre a geopolítica palestina a partir de respostas dos alunos participantes sobre suas imagens acústicas – conceito que se refere à representação mental feita por um indivíduo sobre um determinado lexema – relacionadas às palavras “Israel”, “Palestina”, “Hamás” e “Irã”.

Israel

Para compreender o Estado de Israel e suas disputas territoriais com os palestinos, é fundamental analisar sua base ideológica: o sionismo. Surgido na Europa no final do século XIX, esse movimento almejava a criação de um Estado nacional judaico no território historicamente associado ao antigo Reino de Israel (então habitado por palestinos e sob domínio do Império Turco-Otomano). Essa aspiração era sintetizada no controverso slogan: “uma terra sem povo para um povo sem terra”. Nas primeiras décadas do século XX, impulsionados pelo sionismo, intensos fluxos migratórios de judeus dirigiram-se da Europa rumo à Palestina. Com o fim da Primeira Guerra Mundial (1918) e o colapso do Império Turco-Otomano, o território passou ao controle britânico sob o Mandato da Palestina⁴. A administração colonial da Grã-Bretanha, notoriamente favorável aos interesses da comunidade judaica, marginalizou progressivamente a população palestina nativa.

Na década de 1940, diante da incapacidade de mediar os conflitos entre palestinos e judeus, os britânicos delegaram à ONU a responsabilidade de definir a partilha territorial da Palestina. Em 1947, a Assembleia Geral da ONU aprovou a Resolução 181, que propunha a divisão do território em dois Estados: um judeu (Israel) e outro árabe (Palestina). Jerusalém, devido ao seu significado histórico-religioso para as três grandes religiões abraâmicas, foi designada como zona internacional sob administração da ONU. Aproveitando-se dessa resolução, Israel proclamou sua

⁴ Conferido aos britânicos em 1922, entrando em vigor no ano seguinte.

independência em 14 de maio de 1948. Desde então, o Estado israelense iniciou um processo contínuo de expansão territorial e deslocamento forçado de palestinos – realidade persistente até o contexto de escrita deste trabalho. Tais ações, frequentemente minimizadas ou omitidas pela grande mídia ocidental, também são negligenciadas pela imprensa hegemônica brasileira, reforçando narrativas assimétricas sobre a geopolítica palestina.

No entanto, diferentemente do que é corriqueiramente apresentado nos discursos da grande mídia brasileira, metade dos estudantes do ensino médio que participaram desta pesquisa apresentaram visões negativas sobre o Estado de Israel, conforme demonstram as colocações a seguir:

Antigamente tinha uma imagem meio “santa” sobre eles, agora só os associo ao genocídio Gaza.

Quando penso em Israel, penso em assassinato de crianças palestinas, e em propagandas islamofóbicas que são promovidas pelo Lobby sionista.

Algo corrupto, que me traz raiva e um sentimento de querer vingança por todos os mortos do genocídio que os sionistas estão fazendo, burgueses rindo de pessoas inocentes sofrendo.

O Estado Israelense ao meu ver é um país cujos meios bélicos são inegáveis, pois mesmo comprando e recebendo apoio do Ocidente, desenvolve e aprimora seus armamentos além do esperado, já que buscam melhorar o que já representa o máximo poder. Não posso deixar de citar a atual Israel não tem relação com a Israel da Bíblia. É um país que veementemente ressalta sua independência e soberania na região, sendo protagonista de diversos conflitos. O governo israelense também é conhecido por buscar sempre avanços que beneficiam a população, sendo Israel um país muito interessante pra se colocar como possibilidade de mudança.

Corroborando as palavras do aluno na resposta acima, Sand (2017) afirma que muitos judeus que migraram da Europa para a Palestina no contexto da formação do Estado de Israel descendiam de populações convertidas ao judaísmo em períodos históricos diversos, não constituindo necessariamente uma linhagem direta com as comunidades judaicas da diáspora clássica (séculos I-II d.C.). Em contraponto, estudos genéticos contemporâneos sugerem que os palestinos atuais mantêm vínculos ancestrais significativos com as populações antigas da região, incluindo grupos judaicos pré-diaspóricos (Falk, 2014). Essa distinção histórica desconstrói a narrativa sionista que fundamenta o Estado de Israel como continuidade política do antigo Reino de Israel. Conforme análise de Wolfe (2006), sobre paradigmas coloniais,

o caso israelense enquadra-se no modelo de colonialismo de assentamento (*settler colonialism*), caracterizado pela substituição populacional e pela despossessão territorial sistemática – padrão observado nos processos coloniais europeus na África, Américas e Oceania.

Quando o aluno afirma “antigamente tinha uma imagem meio ‘santa’ sobre eles [Israel], agora só os associa ao genocídio em Gaza”, evidencia-se a transição de uma “recepção ingênua” para uma “recepção crítica” em relação aos discursos geopolíticos veiculados pela mídia. Também o caráter classista do sionismo é destacado na fala de outro estudante: “burgueses [israelenses] rindo de pessoas inocentes sofrendo”. Para Leon (1970), o sionismo, enquanto movimento burguês, emergiu como resposta à crise do capitalismo europeu e à exclusão dos judeus das estruturas produtivas feudais. Dessa forma, representou, para a burguesia judaica, um projeto colonial que visava à expansão de seus interesses econômicos.

Enquanto metade dos participantes expressou percepções negativas sobre Israel, como dito no início do tópico, a outra metade limitou-se a mencionar termos isolados em suas respostas, como “Jerusalém”, “EUA”, “Judaísmo” e “Estrela de Davi”, sem elaborar análises ou posicionamentos claros.

Palestina

O nome Palestina foi documentado pela primeira vez no final da Idade do Bronze, há cerca de 3200 anos; e, entre 450 a.C. e 1948 d.C., foi usado para descrever uma região geográfica entre o Mar Mediterrâneo e o Rio Jordão e várias terras adjacentes. Já as primeiras informações históricas do povo palestino, remetem a quatro mil anos, quando ocorria a urbanização da região da Palestina, com a formação de grandes centros urbanos, com palácios e fortificações, acompanhada pelo surgimento de um alfabeto semita. Como unidade geopolítica, a Palestina, próximo ao que hoje conhecemos como um país, existiu por mais de três milênios e essa realidade histórica produziu diferentes formas de consciência e identidade territorial. No entanto, no Estado de Israel, é difundida a falsa narrativa de que a nomenclatura Palestina foi cunhada somente em 135 d.C., pelo imperador romano Adriano, em referência aos filisteus, como uma forma de humilhar o povo judeu (Masalha, 2023).

Além do mais, historicamente, os palestinos, como os povos árabes em geral, são reduzidos nos noticiários interacionais a toscas caricaturas, associados a palavras

de forte carga semântica negativa como “terrorismo”, “barbárie”, “atraso”, “fanatismo religioso”, “fundamentalismo” e “misoginia”. De acordo com Said (1977 p.180):

nas fotos de notícias, o árabe é visto em grandes números. Nenhuma individualidade, nenhuma característica ou experiência pessoal. A maior parte das imagens apresenta massas enraivecidas ou miseráveis, ou gestos irracionais (desesperados). À espreita, por trás de todas essas imagens, está a ameaça da jihad. Resultado: um temor de que os muçulmanos tomem conta do mundo.

Assim como observado em outras questões, as imagens acústicas dos alunos acerca do lexema “Palestina” revelaram percepções que contrastam com as narrativas veiculadas pelos noticiários internacionais. Um dos respondentes, inclusive, explicitou essa dissonância ao mencionar, indiretamente, o *double standard* midiático, já abordado anteriormente:

Injustiça. Genocídio.

Um país em guerra com muito sofrimento e miséria.

Sufrimento, injustiça. E quem sabe, no futuro, uma associação mais concreta do holocausto (o que espero que não aconteça).

Berço do cristianismo e judaísmo. Lugar onde Jesus nasceu. Mas também penso na devastação que acontece atualmente, em um país bem demonizado e silenciado pelo ocidente, mas também penso num país de pessoas guerreiras que resistem ao imperialismo.

Algo triste, milhares de vidas perdidas e pessoas que batalham pra sobreviver em um ambiente de guerra, pessoas inocentes, e talvez um pinga de esperança que tudo o que está ocorrendo lá acabe e que os sobreviventes possam viver.

Um povo o qual não é totalmente responsável pelos atos do grupo HAMAS, mas que de pouco em pouco agregou o grupo à sociedade, onde grande parte das atividades do grupo são regiões residenciais comuns e seus membros fazem parte da sociedade, sendo misturados com um palestino qualquer. Notável a fraqueza desse povo em se defender diante do grupo, que recebe financiamento e apoio de outros países dos arredores. Além disso não conheço tanto do povo ou do país.

Essa última resposta evidencia, mais uma vez, uma representação negativa do Hamas (questão que será aprofundada no próximo tópico). Não se trata de justificar as ações do grupo, mas, conforme análise de Collares (2012), o surgimento do Hamas como força política dominante na Faixa de Gaza e na Cisjordânia (após sua vitória eleitoral em 2006) não foi um fenômeno aleatório. O grupo vinha há muito tempo construindo uma base social sólida, tendo ampliado seu prestígio principalmente

através da criação de uma extensa rede de assistência à população empobrecida, marginalizada e carente de serviços básicos. Dessa forma, além de seu discurso religioso, as iniciativas educacionais, projetos sociais e obras de caridade promovidas pelo Hamas conquistaram significativa popularidade tanto no território palestino quanto em âmbito internacional.

Apenas dois alunos participantes deste estudo apresentou uma visão negativa sobre a Palestina, a partir das respostas “Homens encapuzados” e “Apenas algo que simboliza um vilão”.

Hamas

O Hamas – acrônimo em árabe para “Movimento de Resistência Islâmica” – é uma organização palestina fundada em 1987, durante a Primeira Intifada, como um desdobramento da Irmandade Muçulmana. Seu surgimento está diretamente ligado ao contexto de ocupação israelense nos territórios palestinos e à insatisfação popular com a liderança secular da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Inicialmente, o Hamas combinava ações sociais – como a criação de escolas e hospitais – com a resistência armada contra Israel. Com o tempo, o grupo consolidou-se como uma força política e militar na Faixa de Gaza, especialmente após sua vitória nas eleições legislativas palestinas de 2006.

Na cobertura da grande mídia brasileira, frequentemente marcada pelo chamado “jornalismo de adjetivação”, o Hamas é sistematicamente rotulado como “terrorista”. No entanto, como já mencionado, essa classificação não é adotada pelo governo brasileiro, pela ONU ou mesmo por veículos da imprensa ocidental, como a BBC. Em sua resposta, um aluno apontou essa linha editorial contrária ao grupo palestino:

Resistência, uma resistência que atualmente nos conflitos atuais, é necessária. Mesmo com o cunho religioso do partido. E também da demonização ocidental.

No entanto, assim como na cobertura da grande mídia brasileira, a maioria dos estudantes que respondeu ao questionário proposto (16) associou o Hamas a termos negativos, como “terrorismo”, “ataques”, “liderança autoritária”, “campos de concentração”, “homens encapuzados”, “medo”, “ideias de guerra” e “crianças mortas”. Entre essas respostas, destacamos a seguinte:

Um grupo que não possui limites, que pratica atos bárbaros com cidadãos comuns de forma intencional sem medir danos colaterais ou

etc. Buscando castigar o povo de Israel, tendo como principais ideias o fim do Estado Israelense.

De fato, o Estatuto de Fundação do Hamas, redigido em agosto de 1988, defendia abertamente a eliminação do Estado de Israel. No preâmbulo do documento, o grupo declara que a “ira de Alá” recai sobre Israel devido à sua recusa em submeter-se à autoridade islâmica, afirmando ser um dever religioso garantir o desaparecimento do Estado sionista (Mishal; Sela, 2000). Contudo, em 2004, o Hamas propôs uma trégua de dez anos (*hudna*) em sua resistência armada contra Israel, condicionada à criação de um Estado Palestino nos territórios ocupados (Dunning, 2015). Essa mudança de postura culminou, em 2017, com a aceitação formal do grupo às fronteiras anteriores à Guerra dos Seis Dias (1967) como base para um futuro Estado Palestino, abrangendo a Faixa de Gaza e a Cisjordânia (Khalidi, 2020).

Sobre a associação feita pelos alunos entre o lexema “Hamas” e expressões como “campos de concentração” e “crianças mortas” é importante fazer uma análise contextual mais aprofundada. Embora Israel tenha desmantelado seus assentamentos na Faixa de Gaza em agosto de 2005, alegando desde então não possuir responsabilidade sobre o território devido ao fim da ocupação militar direta, Santos (2023) demonstra que o país implementou na realidade um sistema de dominação remota. Nesse modelo, o controle sobre as infraestruturas críticas – água, energia e circulação de pessoas – permite a Israel regular todos os aspectos da vida cotidiana na região. Desse modo, a autora caracteriza Gaza como uma “prisão a céu aberto” ou “uma forma contemporânea de campo de concentração” argumentando que “tudo que entra ou sai de Gaza deve passar pelo crivo do Estado israelense e, em menor medida, do Egito, em especial na fronteira sul. Com isso, as possibilidades de uma vida digna se tornam altamente precarizadas” (Santos, 2023, p. 24).

A referência do aluno às “crianças mortas” provavelmente remete ao caso de desinformação que circulou durante os desdobramentos da Operação Dilúvio de Al-Aqsa, quando uma jornalista israelense divulgou em redes sociais a alegação – posteriormente comprovada como falsa – de que militantes do Hamas teriam degolado quarenta bebês. Este caso exemplifica o que Benkler, Faris e Roberts (2018) denominam “ecossistema de desinformação”, quando atores políticos e midiáticos amplificam mutuamente narrativas não verificadas. Desse modo, o jornalismo tradicional, em sua ânsia por furos jornalísticos e para corroborar sua linha ideológica, frequentemente replica, acriticamente, conteúdos controversos das redes sociais.

Irã

O Irã é um dos países mais estigmatizados pela mídia ocidental. Desde a Revolução Iraniana de 1979 – que depôs o Xá Reza Pahlavi e estabeleceu uma república islâmica – o país é alvo de uma campanha sistemática de desinformação que ignora sua complexidade histórica e cultural. Nas coberturas geopolíticas, o Irã é frequentemente associado a termos pejorativos como “autoritarismo”, “misoginia”, “terrorismo” e “atraso”, reforçando estereótipos simplistas que obscurecem as análises acerca de sua política e sociedade. Embora o Irã não desperte o mesmo interesse entre os alunos quanto a Palestina, alguns participantes dessa pesquisa elaboraram respostas mais complexas em suas imagens acústicas sobre o país:

Berço do islamismo xiita, e do anti-ocidente, resistência ao imperialismo. Apesar do cunho religioso.

Persas, um grande povo que desafiou os poderosos que queriam roubar suas riquezas minerais.

Vespeiro, você só é atacado quando você mexe com ele, e foi exatamente isso que aconteceu.

Um país pobre meio indiano.

Guerra e atentados.

Um país imprevisível, que um dia já foi parceiro estratégico dos EUA tendo sido único comprador dos F14 nos anos 60/70, sendo os iranianos muito perspicazes quando o assunto é engenharia reversa, engenharia bélica, não muito famoso por bons atos para seus cidadãos, já que é notável a vida precária do iraniano médio, além do que, grande parte dos governantes iranianos eram ditadores e autoritários.

Nas três primeiras respostas, observa-se que os estudantes destacam o Irã como um símbolo de resistência anti-imperialista no Oriente Médio, o que revela posicionamentos contrários aos discursos geopolíticos da mídia hegemônica. Em contrapartida, nas três últimas respostas, prevaleceram visões negativas sobre o país persa. Quanto à associação do Irã a “guerras” e “atentados”, é importante ressaltar que os dois principais conflitos bélicos dos quais o país participou nas últimas décadas – contra o Iraque e Israel – não foram iniciados pelo país persa. Além disso, a caracterização do Irã como uma “ditadura” ou “regime autoritário”, conforme mencionado por um dos alunos, não corresponde à realidade. Embora o líder supremo (aiatolá) seja o chefe de Estado, o presidente, chefe de governo, é eleito

democraticamente, em processos que incluem a participação de todos os cidadãos com idade superior a 18 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo evidenciam que os imaginários geopolíticos dos estudantes pesquisados, particularmente no que diz respeito à Palestina, ao contrário de outros contextos, já não são moldados de forma predominante pelos noticiários internacionais veiculados pela grande mídia. Observou-se que a internet tem desempenhado um papel central na formação de visões alternativas sobre a geopolítica palestina. Nesse sentido, a resposta do aluno, a uma das perguntas do questionário proposto, ao afirmar que “antigamente tinha uma imagem meio ‘santa’ sobre eles [Israel], agora só os associo ao genocídio Gaza”, ilustra, de maneira emblemática, a passagem de um imaginário geopolítico permeado pelos discursos da grande mídia para um posicionamento sobre a geopolítica global baseado em diferentes fontes de informação.

Todos os estudantes que declararam ter conhecimento substantivo sobre as relações entre Israel e Palestina apresentaram, em suas respostas, posicionamentos críticos que divergiam das narrativas predominantes nos noticiários internacionais da imprensa hegemônica. Se, na pesquisa realizada para a dissertação (Ladeira, 2018), países representados positivamente nos noticiários foram igualmente mencionados de forma favorável pelos estudantes e, por outro lado, povos estigmatizados pela grande mídia receberam representações negativas, os resultados obtidos neste estudo nos revelaram outro cenário. Apesar da representação midiática majoritariamente positiva de Israel – baseada em chavões como “única democracia no Oriente Médio” –, os estudantes destacaram em suas respostas aspectos críticos do Estado sionista, tais como acusações de práticas genocidas em Gaza, invasão de terras, corrupção, protagonismo em conflitos regionais e a disseminação de narrativas islamofóbicas por autoridades israelenses. Por outro lado, a Palestina e o Irã – frequentemente estereotipados na cobertura midiática internacional –, apesar de suas complexidades históricas e políticas, não são percebidos sob a mesma ótica pela maioria dos participantes desta pesquisa. Somente os imaginários geopolíticos dos alunos sobre o grupo Hamas coincidem com as representações midiáticas.

Além disso, os alunos, de maneira geral, são capazes de analisar criticamente os discursos midiáticos, identificando como ocorrem as manipulações e distorções dos

noticiários internacionais, sobretudo em relação à Questão Palestina. Inclusive, um discente chegou a denunciar a atuação do *lobby* sionista junto à grande mídia brasileira. Entre os fatores que nos ajudam a explicar tais resultados estão a ampla cobertura da imprensa alternativa sobre a geopolítica palestina e as imagens e vídeos presentes nas redes sociais, que demonstravam as ações de Israel nos territórios palestinos ocupados, fatores que contradizem a “versão midiática” dos fatos. Consequentemente, é possível visualizar a emergência de um cenário informacional mais dinâmico e descentralizado, no qual os estudantes demonstram capacidade de acessar e mobilizar discursos divergentes daqueles tradicionalmente difundidos pelos meios de comunicação hegemônicos. Plataformas digitais, redes sociais, canais independentes e iniciativas educativas *online* têm contribuído significativamente para a construção de análises geopolíticas mais complexas, críticas e, muitas vezes, mais empáticas em relação à situação do povo palestino.

Portanto, a presente pesquisa reforça a importância de se considerar o papel da mediação digital no processo de formação de imaginários geopolíticos entre jovens, bem como o potencial educativo da internet como espaço de circulação de narrativas plurais. Além disso, destacamos a necessidade de uma abordagem pedagógica que valorize a leitura crítica da mídia e o debate fundamentado sobre temas internacionais nas escolas, promovendo a autonomia intelectual e o pensamento crítico dos estudantes frente aos discursos geopolíticos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

AL-AZZAWI. J. Israel enfrenta adversários que não pode derrotar, **Portal Desacato**, Florianópolis, 7 de julho de 2025. Disponível em: <https://desacato.info/israel-enfrenta-adversarios-que-nao-pode-derrotar-por-jasim-al-azzawi/> . Acesso em: 7 jul. 2025.

BENKLER, Y.; FARIS, R.; ROBERTS, H. **Network propaganda: manipulation, disinformation, and radicalization in American politics**. New York: Oxford University Press, 2018.

BROADBENT, Donald E. **Perception and communication**. Elmsford, NY, US: Pergamon Press, 1958.

CARTA CAPITAL. **A percepção dos brasileiros sobre a postura do governo na guerra em Gaza, segundo pesquisa**, São Paulo, 22 de novembro de 2023.

Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/a-percepcao-dos-brasileiros-sobre-a-postura-do-governo-na-guerra-em-gaza-segundo-pesquisa/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

COLLARES, V. C. **Ascensão do Hamas na Palestina: pobreza e assistência social 1987 - 2006**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS, Montes Claros, 2012.

DUNNING, T. Islam and resistance: Hamas, ideology and Islamic values in Palestine. **Critical Studies on Terrorism**, v. 8, n. 2, p. 284-305, 2015.

FALK, R. Zionism and the biology of Jews. **History and Philosophy of the Life Sciences**, v. 36, n. 4, p. 549-576, 2014.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Promessas quebradas de Meta: Censura sistêmica de conteúdo palestino no Instagram e no Facebook**, 21 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2023/12/21/metas-broken-promises/systemic-censorship-palestine-content-instagram-and>. Acesso em: 07 jul. 2025.

KILSZTAJN, S. A violência dos sionistas, **A Terra é Redonda**, 22 de novembro de 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-violencia-dos-sionistas/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

KHALIDI, R. **The hundred years' war on Palestine: A history of settler colonialism and resistance, 1917–2017**. Metropolitan Books, 2020.

LADEIRA, F. F. **A geopolítica mundial na mídia: conceitos, valores e discursos presentes no ensino de Geografia na educação básica**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, 2018.

_____. Geopolítica palestina na internet: mídia alternativa, censura e algoritmos pró-Israel, **Revista Fórum**, Opinião, São Paulo, 11 de outubro de 2023. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opiniao/2023/10/11/geopolitica-palestina-na-internet-midia-alternativa-censura-algoritmos-pro-israel-145683.html>. Acesso em: 7 jul. 2025.

LEON, A. **The Jewish Question**. A Marxist Interpretation, New York, 1970.

MASALHA, N. **Palestina: quatro mil anos de história**. São Paulo: Memo, 2023.

MISHAL, S; SELA, A. **The Palestinian Hamas: vision, violence, and coexistence**. Columbia University Press, 2006.

MOTALA, Z. A cumplicidade da Big Tech no genocídio: O imperdoável silêncio das plataformas on-line, **MEMO – Monitor do Oriente Médio**, Opinião, 8 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www.monitordo Oriente.com/20241008-a-cumplicidade-da-big-tech-no-genocidio-o-imperdoavel-silencio-das-plataformas-on-line-2/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

NASCIMENTO, L. de C. N; SOUZA, T. V. de. OLIVEIRA, I. C. S. de; MORAES, J. R. M. M.; AGUIAR, R. C. B. de; SILVA, L. F. da. Theoretical saturation in qualitative research: an experience report in interview with schoolchildren. **Revista Brasileira de Enfermagem** [Internet];71(1):228-33, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0616> . Acesso em: 1º jul. 2025.

PAPPE, I. **A limpeza Étnica da Palestina**. São Paulo: Sundermann, 2016.

RENDÓN, C. P. Irã no epicentro: a batalha que expõe uma guerra global em curso, **Desacato**, Mundo, Florianópolis, 26 de junho de 2025. Disponível em: <https://desacato.info/ira-no-epicentro-a-batalha-que-expoe-uma-guerra-global-em-curso/> . Acesso em: 28 jun. 2025.

SAID, E. W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

SAND, S. **A invenção do povo judeu**. Saraiva Educação SA, 2017.

SANTOS, I. A. dos. **Morte e vida palestina**: a reorientação tática do colonialismo israelense na Faixa de Gaza. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – UNESP/UNICAMP/PUC-SP, PPG em Relações Internacionais San Tiago Dantas, São Paulo, 2023.

SHOHAT, E. **Israeli Cinema**: East/West and the Politics of Representation. Austin: University of Texas Press, 1992.

SILVER, L. Most people across 24 surveyed countries have negative views of Israel and Netanyahu, **Pew Research Center**, June 3, 2025. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2025/06/03/most-people-across-24-surveyed-countries-have-negative-views-of-israel-and-netanyahu/> . Acesso em: 20 jun. 2025.

TRAVERSO, E. **Gaza diante da história**. Belo Horizonte: Âyiné, 2025.

WOLFE, P. Settler colonialism and the elimination of the native. **Journal of Genocide Research**, v. 8, n. 4, p. 387-409, 2006.

Recebido em 19 de novembro de 2025
Aceito em 15 de dezembro de 2025